

PERSPECTIVAS 2006 | MERCADO DE TRABALHO

Previsão de bons tempos

Se prevalecer o cenário positivo de dezembro, o mercado de trabalho, na esteira do dinamismo da atividade econômica, pode ainda no primeiro semestre evoluir de maneira mais favorável e recuperar, até o fim do ano, o nível de aquecimento de 2004 e do início de 2005

Marcelo de Ávila



Divulgação

Após uma década repleta de adversidades no mundo do trabalho, sobretudo após o processo de abertura comercial, os anos recentes trouxeram alguns progressos importantes, fazendo com que o mercado de trabalho passasse a ser mais inclusivo. A Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2004 registrou crescimento anual da ocupação acima da variação da População Economicamente Ativa (PEA), redução na taxa de desemprego e interrupção da queda dos rendimentos reais, movimento este que não ocorria há sete anos.

Comportamento semelhante é sentido na evolução do mercado de trabalho metropolitano, quando analisada a Pesquisa Mensal do Emprego (PME/IBGE). Após o fraco desempenho da economia em 2003, quando a maioria dos empregos criados foi de baixa qualidade, os anos de 2004 e 2005 foram marcados por avanços nos principais indicadores agregados do mercado de trabalho, como queda na taxa anual média de desemprego, maior número de criação de vagas formais e a recomposição dos rendimentos reais habi-

tualmente recebidos, mesmo que de forma branda. O segundo semestre de 2005, entretanto, passou a mostrar uma desaceleração no ritmo de criação de vagas do indicador acumulado em 12 meses, chegando inclusive a níveis preocupantes em novembro (391 mil). Mesmo a criação de mais de 107 mil vagas em dezembro – elevando o indicador em 12 meses para 474 mil – não foi suficiente para recuperar o pico de 770 mil em janeiro do mesmo ano. O Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego (TEM), também aponta o mesmo arrefecimento na criação líquida de empregos formais acumulados em 12 meses, passando de 1,54 milhão em janeiro para 1,25 milhão em dezembro de 2005.

Paralelamente, o crescimento da PEA, medido pela PME, ficou abaixo de sua tendência histórica em 2005 – passando da média de 2,2% em 2004 para 1,1% em 2005 –, aliviando, assim, a pressão da oferta de mão-de-obra e, conseqüentemente, reduzindo a taxa de desemprego a patamares de um dígito já no início do segundo semestre do ano passado. Somado a isso, o crescimento anual dos empregos com carteira assinada do setor privado tem se mostrado maior que a variação dos semcarteira desde fevereiro de 2005. Entretanto, alguns desses avanços perderam força a partir do segundo semestre do ano passado, com o mercado de trabalho evoluindo de maneira claudicante e a taxa de desemprego mantendo-se praticamente inalterada, com exceção da forte queda sofrida em dezembro. Vale lembrar que, em certa medida, tal estabilidade se deveu ao comportamento da oferta, que continuou a exercer menor pressão em virtude do menor ritmo de entrada de pessoas no mercado de trabalho.

Nesse contexto, o que esperar do mercado de trabalho em 2006? Somado ao desempenho favorável de todos os indicadores do mercado de trabalho em dezembro – aumento da ocupação, queda da taxa de desemprego para 8,3% e maior crescimento anual dos rendimentos reais (5,8%) –, as expectativas de maior crescimento do

PIB neste ano estão ancoradas num ambiente macroeconômico mais favorável que o do ano anterior: os juros básicos da economia se encontram em trajetória cadente, a inflação se mostra sob controle, a confiança do consumidor deverá se recuperar; o crescimento econômico global continuará presente como em 2005, fazendo com que a demanda externa sobre as exportações brasileiras continue forte e os gastos do governo deverão crescer significativamente; e, por fim, a antecipação em um mês do aumento do salário mínimo (o maior do governo Lula) e a correção em 8% da tabela do imposto de renda para pessoa física, tudo isso movimentando a economia e proporcionando maior geração de empregos.

Acredita-se que se prevalecer esse cenário o mercado de trabalho, na esteira do dinamismo da atividade econômica, poderá ainda no primeiro semestre evoluir de maneira mais favorável e recuperar, até o fim do ano, o nível de aquecimento de 2004 e do início de 2005.

Em relação à qualidade de vagas criadas, é importante entender o porquê da evolução positiva dos empregos formais. Nesse sentido, três fatores são dignos de nota: i) o aumento da confiança do consumidor e dos empresários; com a melhora na expectativa de crescimento do PIB aliada à estabilidade econômica, o horizonte para planejamento estratégico das firmas se mostrará menos nebuloso, aumentando assim a possibilidade de maiores investimentos no setor produtivo; ii) o maior volume de empregos formais pode estar amparado no crescimento das exportações, pois as empresas desse setor tendem a contratar mão-de-obra com carteira assinada; iii) a maior fiscalização federal do cumprimento das normas trabalhistas, funcionando como inibidor natural de seu descumprimento. Além da influência das exportações nos dois últimos anos, a qual acredita-se em alguma perda de força, em 2006 a demanda interna deverá dar uma contribuição maior à manutenção do fluxo de novas vagas formais.

Portanto, após o mercado de trabalho ter

passado por uma evolução positiva quantitativa e qualitativa, respectivamente, em 2004 e início de 2005, é possível que ambos os aspectos se mostrem presentes em 2006, com taxa de desemprego média de um dígito, estando inclusive abaixo da registrada em 2005, e também a continuação da recomposição dos rendimentos reais habitualmente recebidos.

Marcelo de Ávila é pesquisador do Ipea

